

MARIANNE VIC

# O príncipe da Babilônia

Tradução  
Nícia Adan Bonatti



Estação Liberdade

Título original: *Le Prince de Babylone*

© Éditions du Seuil, 2022

© Editora Estação Liberdade, 2025, para esta tradução  
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO Cláudia Mesquita  
REVISÃO Valéria Jacintho  
SUPERVISÃO EDITORIAL Letícia Howes  
IMAGEM DE CAPA © Cecília Carlstedt  
EDIÇÃO DE ARTE Miguel Simon  
EDITOR Angel Bojadsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

V677p

Vic, Marianne, 1965-  
O príncipe da Babilônia / Marianne Vic ; tradução Nícia Adan Bonatti. - 1. ed. -  
São Paulo : Estação Liberdade, 2025.  
192 p. ; 21 cm.

Tradução de: *Le prince de Babylone*  
ISBN 978-65-86068-86-3

1. Ficção francesa. I. Bonatti, Nícia Adan. II. Título.

25-101654.0

CDD: 843

CDU: 82-3(44)



---

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

06/11/2025 10/11/2025

Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.  
Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda  
01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180  
[www.estacoliberdade.com.br](http://www.estacoliberdade.com.br)

*A Pierre e a Paul,  
meus filhos tão amados*



*Eu avançava rapidamente contra Babilônia, cuja conquista havia planejado. Destruí de cima a baixo a cidade e as casas, das fundações ao teto, e a queimei pelo fogo. [...] Eu a aplainei, mais do que o teria feito um dilúvio, para que nunca mais ninguém se lembrasse dessa cidade e de seus templos.*

Excerto dos *Anais de Senaqueribe*,  
que conta a tomada de Babilônia

*Diversas vezes senti o que era o amor em estoque. Há enormemente. Não se pode dizer que não. Só que é triste que elas continuem a ser tão ruins com tanto amor em estoque, as pessoas. A coisa não sai, é isso. Agarra-se lá dentro, permanece dentro, não lhes serve para nada. Elas morrem por dentro, de amor.*

*Viagem ao fim da noite*,  
de Louis-Ferdinand Céline



## Sumário

O príncipe da Babilônia	13
Epílogo	183
Agradecimentos	185
Obras citadas	187



|

*Mr. Kane was a man who got everything he wanted, and then lost it. Maybe Rosebud was something he couldn't get, or something he lost. [...] I guess Rosebud is just a piece in a jigsaw puzzle... a missing piece.*

Excerto de *Cidadão Kane*,  
de Orson Welles

Paris, 55, rue de Babylone, primavera de 2003.

Um salão revestido de madeira se abre para o verde dos jardins, que ficam escondidos da cidade. Tudo é silencioso, como nas ricas moradias cujos ocupantes não dão mais festas. Já faz muito tempo que esses cômodos não ecoam mais as músicas ritmadas, nem os risos. Aqui mora o recluso da rue de Babylone, apenas com seu cão Moujik e os empregados como companhia.

O homem senta-se durante horas em frente a uma pintura sobre o cavalete. Há outros quadros pendurados nas paredes: Picasso, Gauguin, Matisse, Cézanne, Manet... Não olha mais para eles, mas os desejou como se deseja uma mulher ou um homem. Nunca se cansa deste. É o retrato de uma criança. O menino está vestido com um casaco azul-noturno, um cinto de seda rosa e um colarinho de renda branco. O pintor escreveu o nome e a idade do jovem modelo: Don Luis Maria de Cistué y Martínez tem dois anos e oito meses de idade. Segura um cachorro pequeno por uma guia, como um brinquedo.

Filho de um jurista próximo a Carlos IV e de uma dama de companhia da rainha Maria Lúcia, Don Luis era afilhado do rei da Espanha, um importante herdeiro cujo retrato Goya pintou em 1791, apenas dois anos antes dos desastres do corpo e da história invadirem sua obra. *El niño azul* é um quadro raro; o artista pintou poucas crianças. Outro está no Metropolitan Museum, em Nova York, *El niño rojo*, porque seu traje é vermelho.

O homem idoso não tira os olhos da criança nem mesmo para pegar o copo de soda *light* sobre o pedestal, entre a Virgem Maria do século XVIII, o vaso grego do século de Alexandre e a cabeça de Cristo em marfim. Uma estranha ligação o conecta a este quadro, ele o chama de “minha criancinha rosa”. Luis Maria é loiro de olhos azuis, como Yves Saint Laurent era na mesma idade.

Desde o ano passado, ele não tem mais uma coleção para desenhar. Doravante, o costureiro dispõe de todo o tempo. Demasiado tempo. Ele afunda no abismo melancólico em que o trabalho de Goya o mergulha. Nada e ninguém mais interessa a Yves, exceto a criança com cara de anjo. A criança azul é o reflexo da inocência da primeira infância, mas também, de forma mais velada, da Espanha. Sensações difusas emergem da contemplação. Yves percebe os ecos de uma melodia distante. A mulher canta uma canção infantil em espanhol:

*Caracol, col, col*  
*Saca los cuernos al sol*  
*Que tu padre y tu madre*  
*Ya los sacaron.*  
*Caracol, col, col...*

Será que se lembra de Maria, a bisavó que nasceu na Espanha e que morreu na Argélia quando ele tinha três anos de idade? Em Oran, Maria assistira ao seu batismo e, às vezes, o embalara, oferecendo o afeto de que ela havia privado sua família. Yves olha para o quadro para ouvir, uma e outra vez, a voz do além-túmulo que o acalma. A essência de uma vida, sempre roubada e irrecuperável, reside na inocência e na despreocupação. Como o modesto trenó do abastado Charles Foster Kane, *El niño azul* encarna, para Yves, o *Rosebud* do homem alterado quando tenta,

no limiar da existência, lembrar-se da doce carícia dos dias passados.

Refugiado em um *Xanadu* desmedido, Yves Saint Laurent cumpre seu destino e está apenas esperando a morte chegar. Parecia ter subido ao cadafalso quando, em janeiro de 2002, foi saudar o público ao fim do último desfile, uma retrospectiva de quarenta anos de criação, desde a primeira casa de alta-costura em seu nome.

Um outro homem meditava diariamente diante de um quadro para se impregnar de seu destino. Luís XVI levou para as Tulherias o retrato de Carlos I da Inglaterra, pintado por Van Dyck, que estava afixado em Versalhes. Assim, o rei presente o mesmo desenlace trágico, sua cabeça cortada. Ele mergulha na obra para exorcizar o medo e se apropriar da morte que está por vir. Yves perde-se na criação de Goya para esquecer o vazio que o prostra.

Um dia, o Museu do Prado insistiu em expor o quadro. Incapaz de se separar dele, Yves recusou. A coleção de arte foi iniciada e enriquecida em associação com Pierre Bergé. O casal não vivia junto desde o final dos anos 1970, mas Pierre sabia da importância dos empréstimos no pedigree de uma obra, e uma visita ao Prado só poderia aumentar o valor do Goya. Ele a impôs a Yves e mandou tirar uma fotografia. Ela foi emoldurada e colocada no cavalete, na posição exata da pintura. Durante os meses em que seu filho cor-de-rosa esteve fora, Yves não se sentou naquela sala.

Cinco anos depois, 1º de junho de 2008.

*El niño azul* está esperando, mas Yves não vem mais. “Sister Morphine”<sup>1</sup> tomou o lugar da “criancinha rosa” no coração de Yves. Há algumas semanas, ela se tornou a companheira mais fiel, a irmã favorita.

*Please, Sister Morphine, turn my nightmares into dreams.  
Oh, can't you see I'm fading fast?  
And that this shot will be my last.*<sup>2</sup>

Yves adora a capa do vinil dos Rolling Stones, aquela com a braguilha do jeans do cantor em destaque, e evidenciando o relevo de seu pênis do lado direito. Ele é louco por Mick, que transpira sexo, seu cheiro preferido. A atividade mental pode permanecer intensa sob a máscara do coma, e a cena do primeiro encontro corre em *loop* em seu cérebro perturbado. Foi em Marrakesh, no final dos anos 1960, em uma festa na casa de Paul e Talitha Getty.

Naquela época, em Paris, Yves e Pierre jantavam frequentemente no Lipp ou no Maxim's antes de irem ao Régine. No

- 
1. A canção “Sister Morphine”, de Mick Jagger, Marianne Faithfull e Keith Richards, foi gravada no álbum *Sticky Fingers*, pelos Rolling Stones, em 1971. [N.T.]
  2. “Por favor, Irmã Morfina, transforme meus pesadelos em sonhos./ Oh, você não vê meu rápido enfraquecimento?/ E que essa injeção será minha última.” [N.T.]

outono de 1965, eles observam uma silhueta que ondula na pista de dança, envolta num indecente vestido de crochê. É Talitha. Ela os convence a visitá-la no Marrocos, no inverno seguinte. Nenhum dos dois a conhecia, e se hospedaram na luxuosa mansão La Mamounia. Foi amor à primeira vista. Yves encontrou ali seu Éden.

No palácio dos prazeres de Thalita e Paul Getty, bilionários ociosos, estrelas do rock e belos parasitas se misturam. Talitha, sublime e drogada, desliza suavemente. Há os Stones e Andy Warhol, Marianne Faithfull e Anita Pallenberg. Festa hippie chique com dançarinos, acrobatas, encantadores de serpentes e todos os tipos de drogas. Haxixe, heroína e ópio. Pierre Bergé afirma:

— Nunca vi tanta gente chapada!

“Estraga-prazeres”, Yves deve ter pensado.

Ele diz a Talitha:

— Você é bela e livre como a heroína de um romance de Fitzgerald.

Mas as heroínas de Scott geralmente acabam mal. Três anos depois, em 1971, Yves soube de sua morte por overdose, sozinha em Roma, na cobertura da Piazza d’Aracoeli. Tinha apenas trinta e um anos de idade, mas o corpo já estava exaurido. Dançar, beber, consumir drogas e copular, era tudo o que sabia fazer. Ele fez um único comentário:

— De toda forma, ela não teria envelhecido bem!

Tudo passa, tudo entedia Yves muito rapidamente. Nesse mesmo ano, em maio, Mick se casa com Bianca em

Saint-Tropez. Juntos, eles foram à casa de alta-costura, a primeira, no 16<sup>ème</sup> Arrondissement de Paris, na rue Spontini. Yves desenhou a roupa da noiva, um terno branco, com um grande chapéu e véu. O terno masculino, para ser usado diretamente sobre a pele por Bianca grávida, causou escândalo.

Trinta anos depois, Sister Morphine ainda está lá. Entra calmamente pelo enorme portal do número 55 da rue de Babylone. Moujik não ladra quando ela se aproxima, ele a evita, os instintos animais o avisam. No vestibulo, ela passa em frente ao torso romano com músculos de mármore sem sequer olhar. As paredes são pintadas de vermelho e o teto é recoberto com folhas de ouro, a atmosfera está fumegante de ópio. Ela espera na antecâmara enquanto Yves, mais uma vez, repete suas visões de moribundo. Finalmente, ela se esgueira para a esquerda, para o quarto dele, olha o crucifixo pendurado do lado direito da cama, onde jaz o homem prestes a morrer.

Ela o leva pela mão suavemente, sem demonstrar suas intenções. Penetra em suas veias e dá-lhe um abraço que nunca mais soltará. Adormecem, enlaçados. Como na canção “Le Tourbillon de la vie”, eles se viram, se perderam de vista, se encontraram novamente, para nunca mais se separarem. Exceto que não é mais uma questão de vida, nem de amor. Yves assistiu *Jules e Jim*, que para ele é a história de dois homens que se amam e que usam uma mulher para

viver o amor. Jeanne Moreau? Ele a vestiu, mas não quer mais ouvir falar dela. Fica aborrecido com mulheres feias ou com ex-belas, decompostas por negligência. Pior, isso lhe causa repulsa.

Yves é daqueles que imaginam dois aléns distintos, um para os anônimos e outro para os VIPs. Neste último, ele se encontraria com Jeanne, radiante como num filme de François Truffaut; Marguerite Duras, na pele da eleita do amante chinês; Françoise Sagan, antes do acidente com o Aston Martin, antes da heroína e da cocaína; Talitha, como ela é, *gipsy chic forever*; Maria Callas, com a voz recuperada, que cantaria só para eles, e Rudy, antes da aids, em suas malhas colantes de astro dançarino... Visto deste ângulo, morrer é possível.

Chegou a hora, é quase meia-noite. O ar está saturado com o cheiro da primavera, que também está indo embora. Na noite de junho, as janelas estão abertas, pois parece que não devem ficar fechadas, para que as almas possam voar.

Leão de agosto, Yves nasceu sob o signo do Sol, no perfume dos campos de trigo crestados pelo verão. O amarelo será a cor de sua mortalha: uma nuvem de seda bordada com espigas de milho, estendida sobre o caixão de carvalho. Leões, trigos, sóis em todas as formas, objetos-talismãs com os quais ele sempre se cercou sem que lhe trouxessem sorte. Yves é supersticioso. Além de ter amuletos, ele acende velas sempre que passa por uma capela. Uma vela para a avó

materna, Marianne. Uma para o cão do momento. Outra para exorcizar as maldições.

— E eu? — questiona Pierre Bergé. Uma última para Pierre, que não acredita em nada.

Quando era adolescente, Yves já acendia velas enquanto rezava:

— Meu Deus, faça com que eu me torne normal.

Não suportava suas tendências homossexuais, dilacerado entre as pulsões e o desejo de aderir à moral intolerante de uma época que ainda não estava extinta. Foi em 1957, antes de conhecer Pierre Bergé, surpreendentemente livre da camisa de força dos anos 1950. O sexo foi o que Yves e Pierre compartilharam melhor, a base do relacionamento. Assumiram viver juntos apesar da condenação da sociedade puritana. O casal que formaram foi um farol na noite gay.

Questionário de Proust:

— Como você gostaria de morrer?

— De repente.

Não deu certo. Raramente a morte é como desejamos, a menos que nos encarreguemos dela. Ainda mais raramente morremos no auge da vida, no auge do amor que recebemos e damos — ou não. Mas é possível morrer quando se é imortal? Em sua distante etimologia acadiana, “Babilônia” significa a porta dos deuses, aqueles que jamais morrem. Como todos os familiares, Lucienne, a mãe, Charles, o pai, Brigitte e Michèle, as irmãs, ele será cremado. Não

deixar vestígios da realidade, para que somente a lenda permaneça.

Yves adormeceu com a última irmã, Morphine. Tranquilamente. Longe das tentativas de suicídio ligadas ao seu estado maníaco-depressivo. Certo dia, ele quis se defenestrar. Foi em Nova York, no edifício do hotel Pierre. Em outra ocasião, ele se jogou na frente de uma viatura de polícia, mas o motorista o evitou com uma manobra brusca. E todas as outras tentativas que não conhecemos. É a história do desejo de morte que o habitou ao longo da vida, com flashes de felicidade intermitente, como o primeiro contrato na casa Dior, o amor dos primeiros dias com Pierre, os interlúdios criativos em Marrakesh, e os aplausos, quando era aclamado no final das coleções, uma droga doce, da qual foi dolorosamente desmamado.

As pessoas desfilam pelo quarto do homem morto, mais por deferência a Pierre que a Yves, que já não via mais ninguém. Catherine Deneuve chega à rue de Babylone. Deita na cama, ao lado do defunto, como se eles fossem um casal. Atitude estranha para duas pessoas que se respeitavam, mas nunca cruzaram o limiar da intimidade. Quem se deita ao lado de um corpo sem vida se este não for o da pessoa amada?

Em 1922, Jean Cocteau pediu a Man Ray para fotografar Marcel Proust no leito de morte, na rue Hamelin, um dia antes do enterro no Père-Lachaise. Um amigo de Pierre fotografa Yves. Sem os óculos de tartaruga, não é mais ele mesmo.

Não apenas pela ausência deles. Mudanças sutis distanciam o rosto de um homem adormecido do rosto de um cadáver.

Até o fim, Yves não sabia que ia morrer. O Hospital Americano é um lugar familiar, situado entre duas avenidas arborizadas em Neuilly-sur-Seine. O “Americano” — a abreviação remove a conotação médica — tem a falsa atmosfera de um hotel para pacientes milionários. Yves esteve lá regularmente para se recuperar de seus descomedimentos. Foi mais divertido ir na companhia de Betty Catroux, parceira de excessos durante os vinte anos de mundanidade noturna. Ele apelidou-a de “Pulu”, como a lanugem sedosa da samambaia. Longilíneos e andróginos, os dois são semelhantes; Narciso se afoga em seu duplo.

Assim que emergem do torpor, Yves manda a enfermeira levar-lhe um bilhete: “Lave o cabelo!” Em todas as circunstâncias, ele permanece intransigente quanto à aparência, mesmo em um hospital. Então começam a brincar novamente nos corredores da clínica chique e cara de um dos bairros a oeste de Paris. Yves fica de quatro e Betty o cavalga. Estão quase nus, mas o cabelo está limpo. Riem como crianças. Crianças que precisam ficar doidas.

Mal acabam de sair da reabilitação e já se chamam à noite:  
— Tudo está dando errado, não aguento mais, a vida é atroz.

Betty adiciona:

— Você tem razão, vamos perder a cabeça e esquecer este pesadelo!

E assim eles vão cada vez mais fundo em suas peregrinações noturnas em busca do esquecimento de algo que desconhecem.

E então chega aquele dia em abril de 2007, quando um professor do “Americano”, vestido com jaleco branco, anunciou o diagnóstico de câncer. Pierre Bergé está sozinho com o oncologista, que lhe diz que há pouca esperança, mas que se pode tentar tratar o glioblastoma que está atacando o cérebro de Yves. Pierre questiona:

— E sem tratar?

— Nove meses, talvez um ano. — O médico acrescenta que será necessário cuidar da dor quando ela aparecer. — Com cuidados paliativos, ele poderá ficar em casa até o fim.

Uma espera horizontal e miserável para chegar ao “fim”.

Certo de que Yves não seria capaz de suportar, Pierre desiste de tentar lhe dizer que seus dias estão contados. Também desiste de tentar curá-lo ou, pelo menos, prolongar sua vida por algumas semanas ou meses. O que sabemos sobre os desejos de um homem à beira da morte? Nada. Yves poderia querer jogar fora as palavras que não pretendia levar com ele, se livrar de todas as coisas que não tinha dito e que lhe pesavam mais que o tumor. Também poderia querer acertar contas familiares, com a mãe e as irmãs. Pierre o condenou ao inacabado, como acontece com os que morrem por acidente.

Yves não fez nenhuma pergunta, contentando-se com a explicação evasiva que Pierre lhe deu:

— São as consequências de suas quedas.

Foi em Tânger, na escadaria de pedra da última mansão que compraram juntos. Queda após queda, um corpo que não está mais sob controle, um corpo que está exausto, alquebrado, deteriorado e mutilado. Contudo, na verdade o coração foi o primeiro a ser partido, em algum lugar da longínqua paisagem da infância. Como foi que o garotinho louro e de grandes olhos azuis, sorrindo nos braços da mãe, Lucienne, se tornou esse homem que flerta com a obesidade? Sorriso côncavo, traços flácidos e inchados. A beleza fugiu. A felicidade, roubada no alvorecer da vida. As promessas, quebradas. Yves morreu de amor.